

O REAL E O IRREAL por Nuno Galopim

Bernardo Sasseti apresenta “Unreal – Sidewalk Cartoon”, projecto que junta música, texto e fotomontagens em volta de uma ficção

A ARTE DO TRIO

UM TRIO DIFERENTE. MÚSICA. PALAVRA. IMAGEM. UM ANO DEPOIS DE LEVAR A DISCO A BANDA SONORA DE ALICE, A CONTINUAÇÃO DE UMA IDEIA MUSICAL QUE PARTE DA IMAGEM (ENCETADA EM ASCENT, TAMBÉM DE 2005), BERNARDO SASSETTI APRESENTA-NOS UNREAL: SIDEWALK CARTOON. É DISCO, MAS TAMBÉM LIVRO, A CONTAR (OU APENAS A SUGERIR) UMA HISTÓRIA QUE NASCE NAS RUAS DE UMA CIDADE IMAGINÁRIA, COMO QUE A TORNAR VISÍVEIS DETALHES, FIGURAS OU LUGARES POR ONDE O DIA A DIA PASSA SEM PENSAR, SEM VER, SEM SENTIR. UM MUNDO QUE NOS É PELO PRÓPRIO BERNARDO SASSETTI, EM ENTREVISTA E QUE, DE 14 A 23 DESTE MÊS, PODEREMOS VER, AO VIVO, NO SÃO LUÍS.

Unreal é uma história antiga... Um projecto com anos de vida...

Nasce há quatro anos. Como estava a dedicar muita atenção à fotografia, comecei a procurar o detalhe nas cidades. Tudo o que se vê no livro são dezenas de cidades, sobretudo na Europa. Comecei a fazer fotografia em macro, muito perto das paredes. Toda a gente passa pela cidade e não olha para a beleza das coisas. E isto é uma visão um pouco poética das passagens pela cidade. E tentei depois trazer também isso para a música. Debruçar-me sobre o detalhe, nem que isso demore uma eternidade a conseguir-se.

Como convergiram aqui as ideias de imagem, texto e música que contam esta história?

Esta coisa da imagem e da sua ligação com a música foi uma dedicação tão ou mais obsessiva que a minha aprendizagem do jazz. Isso começou a ser notório no primeiro CD da trilogia da imagem, que é o Ascent. Esse disco fala da representação do real, mas de uma forma muito abstracta. Depois comecei a avançar para o segundo, no qual já estava a trabalhar muitas horas por dia, nessa criação de um universo visual que fosse, não surreal, mas irreal. Um universo próprio para a música que queria escrever. Entretanto surgiu um email do Miquel Bernat, que é o director musical do Drumming, grupo de percussão, a propor-me uma composição para eles. Enviou-me uma lista extensíssima dos instrumentos que usam... Com sonoridades com possibilidades tímbricas que nenhuma outra secção de instrumentos tem. Propus-lhe então um disco, que teria para contar uma história, baseada nos instrumentos de percussão. A ideia era a de juntar o conceito das imagens, que já tinha, aos instrumentos de percussão, imaginando uma cidade construída por eles. Comecei a imaginar um universo em que os intérpretes musicais seriam as personagens de uma história inventada... E comecei a escrever sobre a música e os músicos, mas sempre segundo uma absurda, irreal... Imaginemos um travelling por uma cidade, com os músicos na calçada, a olhar para os detalhes e a fazer comentários. A história nasce assim. O texto depois evoluiu muito, criaram-se personagens... E desde há cerca de dois anos a esta parte o texto foi evoluindo...

E como conciliou essa demanda com os outros trabalhos que entretanto foi apresentando?

Foram períodos muito complicados. Isto envolveu mais trabalho que o que alguma vez tive, tanto na imagem como na escrita musical. Foi um processo gradual. Fui-me encontrando com os Drumming, descobrindo as sonoridades. Eles tocavam e depois ia para casa e escrevia. O Miquel é um inventor de sonoridades. Existe uma preocupação de procura, e nesse aspecto chega a tocar a originalidade.

O que motiva o quê? O texto sugere a música? É a imagem o ponto de partida?

É como se fossem objectos separados, e posso garantir que a determinada altura a minha cabeça ficou confusa... Mas a realidade é que, tomando conhecimento com as sonoridades e a música que queria fazer, as coisas foram-se ligando. Mas sempre de uma forma muito objectiva. Nunca quero que a minha música seja demasiado objectiva. Há um interesse pela existência de várias leituras. Mesmo sobre o texto.

Mesmo havendo aqui uma história?

Existem sugestões. Gostaria de fazer um filme disto... Mas como é financeiramente impossível, faço um livro e vamos apresentar um cartoon com o espectáculo. É uma animação propositadamente tosca. É mais interessante pegar nas ideias e não transformá-las numa coisa objectiva, mas mais abstracta. É mais interessante como forma de arte.

Apesar da carga de nonsense e o tal lado irreal, a história não deixa de ter ligações ao real. Podemos subentender aqui reflexões sobre um país com dificuldade de relacionamento com as suas artes e artistas?

É possível essa leitura. Mas isso não é só aqui... Portugal é o que é e tem os problemas que tem. Sobretudo na educação, isto tem de levar uma grande volta. E acima de tudo na educação cultural. A minha ideia nunca foi fazer uma crítica directa nem ao universo musical nem à política cultural. Queria criar uma história insólita... As próprias notícias que ouvimos diariamente são quase insólitos... A história funciona como aqueles sonhos muito vividos que por vezes temos. E aí há uma relação muito forte com a forma como quis abordar o piano neste disco, de uma maneira muito flutuante, se se impor. Só quando tive a história completa é que começamos a gravar.

Fala num “domínio esquecido entregue ao desterro, deixado ao abandono”... Não parece retrato de factos ou lugares da cultura portuguesa, nomeadamente a música?

É um bocado... Tanto em Portugal como no resto do mundo a fome de informação, a quantidade de coisas às quais as pessoas têm acesso hoje em dia, está a matar o lado genuíno da arte. A procura verdadeira.

Há arte a mais?

Não. Há oferta a mais e arte a menos. É preciso fazer a distinção entre arte e espectáculo. É quase como se a música, como objecto de arte, começasse a ser secundário. Isso é uma realidade nua e crua em Portugal.

“GOSTARIA DE FAZER UM FILME DISTO... MAS COMO É FINANCEIRAMENTE IMPOSSÍVEL, FAÇO UM LIVRO E VAMOS APRESENTAR UM CARTOON COM O ESPECTÁCULO. É UMA ANIMAÇÃO PROPOSITADAMENTE TOSCA. É MAIS INTERESSANTE PEGAR NAS IDEIAS

E NÃO TRANSFORMÁ-LAS NUMA COISA OBJECTIVA, MAS MAIS ABSTRACTA”

Esse excesso de produção e a extrema facilidade de acesso à música não a está a banalizar?

Está, totalmente! E mesmo as classes mandatárias vigentes, num país pequeno como o nosso, têm de perceber que não há necessidade de estar a mostrar nada a ninguém. Há um complexo de inferioridade brutal. Porque é que tenho de ir mostrar lá fora que sou capaz? Quando se faz uma Expo e a palavra de ordem é mostrar a todos que somos capazes, isso é patético... Aquele lado da fachada! Vamos é olhar para dentro, ver como estamos de mentalidades. Mas é difícil. A fachada, a coisa grandiosa e bonita fala por tudo. E isso frustra muitos músicos, mas não só aqui... Tenho a consciência que a música que faço, cada vez mais, não é um objecto para vender. Apesar de gostar que as coisas cheguem às pessoas, ou estaria a ser hipócrita. O mais importante é a procura. Senão acabou...

Incomoda-o não ouvir a sua música na rádio?

Para ser muito honesto, não. A grande maioria das pessoas que hoje rádio fá-lo no carro. A rádio é um meio interessantíssimo de comunicação com as pessoas. Não critico ninguém, porque a escolha que se faz hoje tem a ver com o “que está a dar”...

Há no país uma rede de auditórios que satisfaça a sua vontade de tocar de Norte a Sul?

Sim. E as pessoas têm interesse em levar coisas de qualidade aos auditórios.

E como vê o cinema no seu trabalho? Um espaço de criação paralela? Um espaço de exposição?

Neste momento estou numa fase muito ligada à imagem. Muito dificilmente me posso afastar dela. Vivo uma espécie de imaginário cinematográfico. Há um lado analítico quando vejo um filme, e isso pode ser preocupante. Mas, lá está, é o meu trabalho. É muito engraçado pensar que há oito anos nem estava para ali virado. Era, sobretudo, um intérprete de jazz que tocava em concertos e em clubes. A partir do momento em que nasce o pedido para fazer a Maria do Mar, gostei tanto da experiência que a minha vida como intérprete mudou totalmente. Musicalmente começou tudo com Quaresma, do José Álvaro Morais. E, naturalmente, o trabalho mais bem conseguido até hoje, como colaboração, que é o Alice. E o Alice nasce a meio do trabalho neste disco.

Sente ainda o jazz como uma estrutura fundamental em si, apesar da música que tem feito ultimamente procurar formas além do que se costuma dizer ser jazz?

É talvez a minha última preocupação. Se me quiserem pôr em easy listening nas discotecas, estou-me nas tintas! Ponham-me ao lado do Perry Como, que eu adoro, que está catalogado em easy listening, que é o termo mais irritante da história da música. Se é jazz, se não é jazz. Se tem swing, se não tem. Se é tradição ou avant garde, não sei... Neste momento estou a ouvir compositores que sejam um desafio. Bach, sempre. E depois Stravinsky e os contemporâneos. Ligeti, Hindemith, Messiaen...

O excesso, de que falávamos há pouco, também se projecta por vezes dentro da própria música. E até poderia ter inundado Unreal. Um excesso de instrumentos... Mas quase nem damos pela parafernália que levou a estúdio...

O estúdio do Mário Barreiros estava atulhado e nem se podia passear ali. Tínhamos de andar como sardinhas em lata... Enquanto compositor quis transformar o complexo. E,

sobretudo, transformá-lo numa música que tivesse uma compreensão relativamente simples (isto sobre o excesso de instrumentos trocados). No disco há um espaço para cada sonoridade. E nunca recorrer à batocada nem ao cliché da percussão. Se quisesse fazer Olodum, ia para o Nordeste.

Há fugas para comic relief no livro que não deixam de ser observações de quem tem uma certa maneira de viver a música. Como quando fala de um festival de acordeão em que "curiosamente" esse é "o único instrumento em todo o mundo com direito a presença numa tal competição"...

É como se fosse um concurso de atletismo... É extraordinário... um campeonato do mundo de acordeão... (risos)

Essa ideia é, precisamente, o oposto da sua demanda enquanto músico...

Totalmente. É evidente que não há aqui ofensas. É apenas uma metáfora. É o caminho inverso.

O nonsense alimenta esta história. Um humor muito inglês que lhe é velho amigo...

Tem a ver sobretudo com a minha vivência em Inglaterra, que é Monthly Python total. Uma vez, tinha 22 anos, estava a dar por lá os primeiros passos, e toquei num clube. O contrabaixista que tinha conhecido na véspera veio ter comigo e disse-me: "gostei imenso da forma como tocas, não liguês ao que se diz por aí"... Isto para começar uma relação em Inglaterra é hilariante. Esborrachei-me a rir... Esta foi a minha primeira ligação com o humor britânico, lá. Foi o que agora quis fazer no texto, nele imprimindo um carácter muito sério, mas podendo dizer as maiores barbaridades sobre o que se passa à nossa roda. Se bem que muitas coisas possam ser vistas como não tendo nada a ver com o nosso meio.

Este foi o ano de consolidação da Internet como espaço fundamental para a divulgação da música. E da afirmação das pequenas editoras como caminho certo para uma nova forma de pensar o comércio da música gravada... Com vê estas mudanças?

A Internet tem muitas virtudes. Se dantes pensava que nunca ia recorrer à Internet como forma de procura, agora reconheço que encontro coisas interessantíssimas na música. O que é preciso é saber navegar. E nunca ir ver porque é comercial... As pessoas escolhem. Existem espaços onde as pessoas podem comunicar sobre a arte, mas prefiro comunicar olhos nos olhos, verbalmente. Nunca entrei num chat.

Sente que 2006 foi, como em 2005, um ano de sólido crescimento do jazz (e suas cercanias) como espaço de protagonismo criativo na música portuguesa?

Existem cada vez melhores músicos e, sobretudo, editoras pequenas, que querem apostar numa música de qualidade. Quando as pessoas já estão no meio há tanto tempo, mesmo dentro da categoria do jazz... Isso é muito fácil. Juntar um quarteto e gravar numa tarde. Isso é a história do jazz. Agora, isso já não é novidade. Pode ser um disco óptimo, mas criativamente não me satisfaz. É claro que uma gravação ao vivo é outra coisa... São tantas as ideias que os músicos têm, músicos que vivem de uma procura de sonoridades... E é aí que a coisa muda. E isso é a história de uma vida.

"Se me quiserem pôr em easy listening nas discotecas, que é o termo mais irritante da história da música, estou-me nas tintas! Se é jazz, se não é jazz. Se tem swing, se não tem. Se é tradição ou avant garde, não sei..."

Unreal representa a sua experiência mais próxima da palavra. Sente a vontade de aprofundar essa relação?

Muito! Mas tinha de ser uma coisa muito pensada. A palavra com a música pode incorrer muito facilmente em formas muito vistas. Gosto muito da maneira como se usa a palavra nos Radiohead. Gosto do Thom Yorke, tanto a dizer como no conteúdo das palavras, na forma por vezes abstracta que revelam. A arte dos Radiohead é de tal maneira grande na forma como constrói as palavras na música, que me intriga... Já basta o ritmo que entra na cabeça das pessoas. Chega da cena jovem e do supermercado! Já foi feito! A tendência, cada vez mais, é objectivar a arte das canções. E chegar de uma forma mais simples às pessoas.

CONTOS NO DOMÍNIO DA MÚSICA

Complemento (ou, para quem o entender, estímulo) à versão em disco, eis “Unreal Sidewalk Cartoon”, o livro

“ORA BEM... ESTA HISTÓRIA ACONTECE NUM ANO EXACTO, SEGUINTE AO ANO TRANSACTO, PELOS MEANDROS DE UM ABRIL AFECTADAMENTE OUTONAL, NUMA ALTURA EM QUE AS MODAS SE CONFUNDEM OU DEIXAM POR ISSO DE SER MODA; A UNIDADE MONETÁRIA É GLOBAL E AS POLEGADAS DEIXAM DE EXISTIR POR COMPLETO, DANDO LUGAREIJO A PRIVILIGIADO CENTÍMETRO (...)

ARTÍSTICOS DOS DOMÍNIOS DE AQUÉM E ALÉM FECHAM-SE, QUASI-ERMITAS-ANACORETAS, E POUCO SE SABE DELES, SALVO O EXEMPLO DAS CLASSES DANÇANTES QUE SE MANIFESTAM ACINTOSAMENTE NAS RUAS À PROCURA DE ATENÇÃO. TEATROS E AUDITÓRIOS FECHAM-LHES DEFENITIVAMENTE AS SUAS PORTAS: PUMMMM! – DA MELHOR E MAIS AVANÇADA SONOPLASTIA PLIM. (...)

INFILTRADA NESTE DEGRADÂNTICO MEIO, SOBRETUDO EM DOMÍNIOS SUB-CÊNTRICOS DE ANCA ESTREITA, A CLASSE MANDATÁRIA VIGENTE REFERE ALGUMAS VEZES – TALVEZ DEMASIADAS ATÉ – QUE SE PODE E DEVE FAZER MELHOR DO QUE NALGOUTROS DOMÍNIOS SUPRA-CÊNTRICOS DE UPA-LARUCA E ANCA-LARGUITA. APESAR DESTES ESFORÇO, POUCOS SÃO AQUELES QUE SE SUBMETEM A TÃO EVIDENTE TANGA-NA-MANGA, LENGUA-TÂNTRICA DE BANALIZANTE ENFADORIA.

APARENTEMENTE, OS HUMANOS DEIXAM DE SER GENTE E, A BOM RITMO, DESCEM À CATEGORIA DE NUMERÁRIO; A NOVIDADE, ESMORECIDA PELO DESINTERESSE, DEIXA-SE ESQUECER E PERDE POR COMPLETO O PODERIO QUE OUTRORA EXERCERA – COISAS DO PASSADO.

ASSIM MUDAM OS TEMPOS.

ASSIM SE MUDAM OS TEMPOS”.

(in Unreal: Sidewalk cartoon, de Bernardo Sasseti, Quasi, 2006)

Entre o real e o irreal, este é o ponto de partida para Unreal: Sidewalk Cartoon. Num mundo imaginário, de pontes possíveis com o em que (realmente) vivemos, conta-se uma história que toma a (re) descoberta da música (e a sua relação com o homem) como gatilho para uma torrente de acontecimentos, personagens e lugares criados em patamares de pura ficção, reflexões ocasionais devolvendo-nos ao plano do real.

Uma deambulação pelas ruas de uma cidade imaginária serve o desenrolar de uma história que partilha o nonsense e absurdo com imagens reais colhidas numa máquina fotográfica, aqui mais uma outra ponte possível entre os mundos pelos quais a

narrativa acontece. As palavras são tutano narrativo para uma construção visual que lhe é complemento directo, rosto, aqui relevando um meticuloso trabalho de fotomontagem (do próprio Bernardo Sasseti) que nos serve de possível visualização primeira para as histórias que se contam (e que a música, em disco, igualmente ilustra... ou sugere)... Os “actores” são reais, do próprio compositor a Beatriz Batarda, Rui Neves, Artur Pizarro, Luís Tinoco, José António Tenente, o Drumming (Grupo de Percussão), entre outros. Como a fotografia, história e música nascem de uma demanda que reconhece o interesse pelo detalhe, pelo que à primeira vista, no dia-a-dia, é rotina ausente de reflexão sob o olhar. Se em Ascent as imagens, desfocadas, eram estímulo para a construção duma cenografia particular, em Unreal é o gosto pelo pormenor, e o que dele podemos interferir ou ficcionar, que desencadeia outra etapa de procura.